

## CAPÍTULO IV

### AS ORIGENS DE PORTUGAL E O SENTIMENTO DE LUSITANIDADE

Poucas são as nações que mantiveram uma identidade própria dentro do mesmo espaço geográfico durante tanto tempo como Portugal.

A história escrita por um povo é uma aglomeração de factos consumados criados por milhões de vontades individuais que, conscientes disso ou não, agiram em conformidade. Identificando-se como defensores de uma Pátria-Mãe, sentiram as forças da sua origem como impulso de uma razão de existência e uniram esforços e vontade individual para viver a seu modo, juntando-se na defesa do seu espaço geográfico, sempre e quando sentiram a sua unidade, como nação, ameaçada.

Este sentimento de Pátria, lógico para qualquer humano com respeito pelos seus antepassados e berço de origem, só dificilmente é compreendido pelos estrategas desenraizados que dividem países com riscos em mapas ou os submetem a organizações gigantes cujos interesses e alvos não condizem com a vontade dos habitantes.

Quando estes reagem e se levantam em autodefesa, escrevem história. Não no sentido de conquistas gloriosas, mas como defensores da sua grande família ou nação.

Foi esta a principal acção de Viriato que não acatou a submissão da Lusitânia à organização imperial romana e que a combateu com todas as forças ao seu alcance.

Portugal, país criado no século XII e por isso oito vezes secular, é filho desta antiga e milenária Lusitânia, para a qual olhamos hoje com carinho porque é o repositório das nossas origens. Foi aqui que tudo começou. Foi do pó – do amor – e do suor desta terra que a identidade portuguesa se levantou, se impôs, se expandiu e se fixou.

A evolução de um país é uma fila de gerações que se ligam umas às outras como os elos de uma longa corrente. Tudo o que somos e temos é o resultado do que os nossos antepassados nos deixaram, mais o que soubemos preservar e acrescentar. Quer se queira quer não, cada geração é um elo desta corrente com



obrigação de se segurar ao elo anterior e de ser o apoio indispensável para a futura geração. Rompendo com a sua própria história não se constrói nada a não ser um túmulo para o passado e um enorme vazio sem bases de apoio.

O pequeno rectângulo à beira da Europa, ponto mais ocidental de continentes interligados, foi porto de chegada de muitos povos que migraram nesta direcção durante milénios consecutivos.

Catástrofes naturais, como o afundamento de vastos terrenos outrora habitados, fizeram povos inteiros mover-se à procura de novos lugares para habitar. A falta de animais para caçar, más colheitas ou mudanças climatéricas fizeram o mesmo. O medo de pragas, tanto nos homens como nos animais, foram outras razões que obrigaram povos a abandonar os seus terrenos tradicionais, como também o foram as muitas invasões de povos hostis.

Sabemos da existência de seres que consideramos humanos na nossa região há cerca de duzentos mil anos. Deixaram-nos provas da sua existência e temos de os considerar os nossos mais antigos antepassados. Os seus descendentes, sempre em muito pequeno número, porque se morria com muita facilidade e em geral muito cedo, levaram milénios para evoluírem de uma vida em pequenos grupos familiares refugiados em cavernas para construírem aldeias com aglomerações populacionais que se defendiam em conjunto. Erigiam povoações de refúgio no cimo dos montes, nos quais aplanavam os picos para obter uma larga plataforma onde pudessem guardar as suas crianças, os seus velhos e o seu gado, enquanto homens e mulheres lado a lado combatiam na defesa de toda a tribo.

Podemos verificar a evolução destes primeiros habitantes, do que hoje se denomina Portugal, pelas armas e ferramentas que nos deixaram. Desde os primeiros indícios da utilização de pedras talhadas pelo homem e de chifres de veado transformados para melhor conveniência, até ao último grau de aperfeiçoamento, passaram-se centenas de milhares de anos.

Atingiu-se uma civilização hoje denominada “pedra lascada” por causa da forma de fabricação das suas ferramentas e armas e, em seguida, outra denominada “pedra polida” e que não podemos menosprezar. Quanto mais estudamos estes períodos em face do cada vez maior número de provas que se descobrem, mais notamos que estes povos têm sido injustamente classificados de bastante mais primitivos do que na realidade eram.

De facto, eram contemporâneos das culturas evoluídas da Mesopotâmia e do Egipto e, em relação a estas, obviamente muito mais simples. Mas atingiram uma cultura dolménica de tão grande envergadura em Portugal, que nos deixaram cerca de dez mil monumentos megalíticos que datam entre o 6º e o 2º milénio antes de Cristo e são em parte bastante mais antigos do que as pirâmides do Egipto.

